“Os Herdeiros” ou como o Estado brasileiro se fez¹

Mauricio R. Gonçalves²

UNISO – Universidade de Sorocaba

Resumo

O trabalho apresenta o filme *Os Herdeiros*, de Cacá Diegues, como uma reflexão cinematográfica sobre o papel das elites brasileiras – intelectual, política e econômica – no processo de construção e controle da nação. Através da análise de algumas seqüências do filme, encontra-se, nele, um retrato crítico do processo de constituição do moderno Estado brasileiro, a partir do final da Primeira República, e de como as relações de poder foram urdidas pelas classes dominantes e por aqueles que dela se aproximaram, relegando o povo a um papel coadjuvante nesse processo histórico.

Palavras-chave

cinema; Estado; poder; elites; povo.

Os Herdeiros, filme de Cacá Diegues, realizado no final de 1968 e início de 1969, em meio ao turbilhão de autoritarismo, arbitrariedade e repressão provocado pela recente decretação do Ato Institucional n. 5, procura analisar mais de trinta anos de história do país – do final da Primeira República aos anos de chumbo da ditadura militar dos anos sessenta – seguindo a trajetória de Jorge Ramos (Sérgio Cardoso), militante comunista na juventude que, depois de várias mudanças e traições, acaba tornando-se, na maturidade, um dos homens mais importantes da nação.

O filme constitui-se numa reflexão cinematográfica sobre o papel das elites brasileiras – intelectual, política e econômica – no processo de construção e controle da nação, e sobre suas responsabilidades diante do cenário nada promissor para o qual o final dos anos 1960 apontava. Vejamos, abaixo, algumas seqüências do filme que ajudam a caracterizá-lo como um retrato crítico do processo de constituição do moderno Estado brasileiro e de como as relações de poder foram urdidas pelas classes dominantes e por aqueles que dela se aproximaram, relegando o povo a um papel coadjuvante nesse processo histórico.

¹ Trabalho apresentado ao NP de Comunicação Audiovisual do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Professor em cursos superiores de Cinema, Rádio e Televisão, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. Secretário da SOCINE – Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual. Endereço eletrônico: mreinald@uol.com.br.

Julho de 1930, Fazenda de São Martinho, interior paulista. A seqüência inicial de *Os Herdeiros* nos mostra a reunião do fazendeiro Dr. Almeida (Mario Lago) com alguns de seus pares, entre eles um senador da República. Ouve-se a fala de Almeida e nela temos um resumo das glórias do auge da cafeicultura no país. Agora, avizinha-se a revolução de 1930 e Almeida presente a consumação da derrocada que se iniciara com a abolição da escravatura e o fim do império. “Agora, eu prefiro ver este país sufocado pelo ar podre de nossos armazéns a deixar que ele caia nas mãos de um bando de vaqueiros irresponsáveis”, ele diz. Era a recusa da oligarquia cafeeira à união com as forças revolucionárias lideradas por Vargas.

Outro coronel presente argumenta: “O presidente fez mal em aceitar a pressão estrangeira. Não somos só nós os insatisfeitos: os colonos estão sem trabalho, o porto parado e o povo impaciente”.

A essa fala, Almeida reage expressando toda a ideologia da oligarquia cafeeira paulista que se mostrou incapaz de adaptar-se à nova realidade brasileira e teve de abrir mão de fatias importantes do poder. “É preciso sufocar essa vocação do povo pela anarquia. Se esta revolução for vitoriosa, senador, o povo tem o dever de fuzilá-lo; ao senhor, a mim, a todos nós. Como fizeram com o czar da Rússia”.

Senador: “Não. Esta é uma revolução democrática. Eles só querem o voto universal e mais algumas liberdades”.

Almeida: “A aventura do poder! Eles acabaram com a monarquia e querem agora acabar com a república, e vão querer sempre mais, mais”.

Senador: “Os tempos mudam, Dr. Almeida”.

Almeida: “Eu mudei, senador?”

E por não terem mudado, Almeida e o grupo social que representa perderam o poder que possuíram durante toda a Primeira República. Esta primeira seqüência dá conta de toda a história do Brasil, do final do império – “Quando o império libertou os escravos, era justo que indenizassem os fazendeiros. Mas o imperador não ligou. Os fazendeiros usaram os políticos e fizeram a república, e os políticos pensaram que eles é que estavam fazendo a república” – até o final da Primeira República; mostrando a visão e a posição dos que foram donos do poder até então, diante da nova realidade que surgia à sua revelia.

“Mataram João Pessoa!” Jorge Ramos (Sérgio Cardoso) anuncia. Sua voz é substituída por uma locução radiofônica que dá conta dos últimos acontecimentos que precipitaram a Revolução de 1930. Durante a narração do rádio, Almeida se contorce

enquanto os outros coronéis o abandonam solitário em sua casa. É o fim de um país rural, capitaneado pelas oligarquias cafeeiras que, então, davam seus últimos suspiros.

O filme nos leva, agora, a São Paulo, dez anos depois. Militantes do Partido Comunista panfletam em praça pública contra a ditadura do Estado Novo. Os agitadores são delatados e a polícia invade a oficina onde os panfletos revolucionários são impressos. Dois outros militantes juntam-se a Jorge Ramos em um cabaré: David Martins (Ferreira Gullar) e Jorge Barros (Oswaldo Loureiro). David, amigo de Ramos, é o líder e anuncia que o partido quer que os dois companheiros deixem São Paulo. Barros entusiasma-se e diz que pode ser útil no sul. David Martins pondera que o companheiro pode ser útil em todo lugar e desenvolve uma fala que deixa clara a posição aliancista que o Partido Comunista, liderando as esquerdas no país, adotou nas duas décadas anteriores ao golpe de 1964: “O partido tem um programa. A etapa em que vivemos é da revolução democrática. Nossa aliança com a oposição liberal e os setores avançados da burguesia vai provocar a união nacional contra o nazi-fascismo. E forçará o país a entrar na guerra. Depois virão eleições e essa será uma vitória do partido”. Jorge Ramos ri. Não se sabe se do que Martins está dizendo ou do show que está vendo no cabaré. Ao final da fala de Martins, Ramos reage: “Não vai haver eleições com Getúlio Vargas no poder”. Barros tenta lembrar a guerra na Europa, mas Ramos continua: “As grandes potências estão disputando o direito de nos colonizar. Elas disputam a nossa escravidão”. Ao idealismo de Martins e Barros se contrapõe o “cinismo esclarecido” de Jorge Ramos. O filme assume um ar levemente irônico ao colocar Ferreira Gullar como o líder David Martins e ao colocar o discurso reportado acima em sua boca. Gullar fora um militante especialmente combativo do CPC no período anterior ao golpe de 1964 e compartilhara a crença no discurso que agora proferia em *Os Herdeiros*. No entanto, no momento em que o filme fora produzido, já era sabido que a estratégia das esquerdas, de aliança “com a oposição liberal e os setores avançados da burguesia”, durante os anos 1950 e a primeira metade da década de 1960, redundara no fracasso da revolução pretendida e no golpe de 1964.

Jorge Ramos é preso e torturado. Seus gritos são ouvidos enquanto a tela se enche com uma grande flâmula, com o busto de Vargas desenhado entre um ramo de café e um pedaço de cana. Jorge Ramos rasteja pelo chão. Enquanto é torturado, na presença de seu chefe, Dr. Alfredo Medeiros (Paulo Porto), empresário dono do jornal *Diário Nacional*, em que Ramos trabalha. Ouve-se a fala de Medeiros e com ela pode-se perceber a ideologia do empresariado. Jorge estirado no chão, o empresário sentado

num banco e o torturador atrás dele. Medeiros fala: “Quando esta guerra acabar, o mundo vai ficar muito pequeno. E desta parte do planeta não haverá lugar para aqueles que pensam como seus amigos”. Ouve-se, ao fundo, por alguns instantes uma canção norte-americana. “O que é que sua causa perde se um deles for preso? Agora, eu, que não pertença ao seu grupo, se desaparecer, acaba o meu jornal, o emprego de centenas de pessoas como você, os artigos contra o fascismo”. Depois da intervenção do torturador, querendo que Jorge denuncie seus companheiros de partido, o empresário continua: “Venha comigo, Jorge Ramos, venha comigo. Você não é igual aos outros. Eu lhe prometo. Sei o que estou dizendo. Enterre hoje, agora, a sua juventude. Ela já deu o que tinha que dar”.

Jorge Ramos pergunta: “O que é que você quer de mim?”

O torturador pede o nome dos líderes comunistas, mas o empresário grita: “O grandioso futuro deste país”. Ramos delata David Martins enquanto o empresário se afasta e, a contra luz, enquadrado pela porta ao fundo, pergunta: “Que culpa tem você, Jorge Ramos, das misérias do mundo?”

Da mesma forma que Almeida valia-se do discurso anticomunista para tentar manter-se no poder, Medeiros vale-se desse mesmo discurso para alcançar o poder. A classe que substituiu os oligarcas no poder compartilhava com eles tanto essa visão anticomunista como a idéia de que sua classe era fundamental para a sobrevivência de toda a sociedade. “... somos o sangue que corre nas veias deste país”, diz um dos fazendeiros que acompanhavam o senador na visita ao Dr. Almeida; Medeiros acredita-se indispensável, pois dele dependem centenas de empregos...

Um dos fazendeiros, que estivera presente à reunião com Almeida, procura Medeiros. “Meu caro senhor, nós só publicamos a verdade” diz o empresário ao cafeicultor, ao que este pergunta: “E quanto custa, por exemplo, a verdade em uma página inteira?” Os dois de ternos brancos... os velhos detentores do poder que, ao contrário do dr. Almeida, resolveram “ouvir a voz dos homens práticos”, aliam-se aos novos grupos dominantes tentando preservar uma fatia do poder.

Depois de uma visita à fazenda São Martinho, Jorge Ramos chega a São Paulo e descobre que David Martins, o ex-colega que delantara à polícia, havia sido morto na prisão. “Não se preocupe. Neste país se esquece depressa. A morte dele será enterrada com o Estado Novo”, argumenta o empresário Medeiros. De volta à fazenda, Jorge se casa com Raquel (Isabel Ribeiro), filha de Almeida.

Novamente é o rádio que anuncia os acontecimentos históricos: é o fim da ditadura do Estado Novo. Jorge vai ao Rio como correspondente do jornal de Medeiros. Quatro anos depois, Getúlio volta ao poder. Medeiros que durante os anos da presidência de Dutra fizera negócios com empresários estrangeiros, não quer ir a reboque dos acontecimentos: Ele fala com Jorge Ramos e pede-lhe que procure Getúlio para uma entrevista e lhe ofereça seu jornal como apoiador de sua candidatura ao Catete, “se o velho aceita ser candidato, é invencível”. “Seria melhor que não”, diz o empresário, mas, a despeito de qualquer preferência não pode ir contra o instinto de preservação de sua classe e procura estratégias para se manter no poder. “Quero ser o primeiro a pular este muro”.

Confeitaria Colombo, em um dos mezaninos Medeiros brinda: “Ao presidente eleito, dr. Getúlio Dornelles Vargas. A vitória de Getúlio Vargas é uma vitória do *Diário Nacional* que, ainda na hora incerta, teve a coragem de lançar sua candidatura, em nome do grandioso futuro deste país, o gigante das Américas. Esta foi a vitória do povo, e o povo somos nós. Jorge Ramos, você não é igual aos outros. Meus senhores, acabo de nomear meu colaborador e amigo, Jorge Ramos, diretor do *Diário Nacional*”. E arremata, olhando para Ramos: “Está vendo, eu não esqueço aqueles que me são fieis”.

Jorge, no outro mezanino, com o grande salão abaixo os separando, responde a Medeiros, como que discursando: “O presidente Vargas vai assumir o poder disposto a não mais transigir e vai governar com o povo ao seu lado, o verdadeiro povo, por isso entregou a alguns novos amigos a organização de uma rádio que lhe dê apoio popular e nacionalista. Eu não posso aceitar o cargo que o senhor acaba de me oferecer porque sou diretor presidente da nova Rádio do Povo”.

Medeiros inconformado com a recusa de Jorge: “Eu ia lhe dar o meu jornal pra você fazer o que quisesse. Eu ia fazer de você o homem mais poderoso do país”. O retrato de Getúlio, ainda jovem, ditador, logo atrás deles.

Jorge Ramos: “A massa está no campo, Medeiros, e o jornal só se lê na cidade. Daqui a pouco será a televisão e quem a controlar controla este país de analfabetos”. [...] Um dia Getúlio me disse: Jorge, eles falam muito no povo, mas não acreditam nele. Mas eu sei que o povo existe e por isso eles não me vencerão nunca”

Medeiros: “É mentira! Você está só mudando de dono, só!” (...)

Jorge: ... Eu não sou igual a você.

Medeiros: É sim! O povo, o povo, o povo. Você sabe que o que importa é o poder e ele agora está em suas mãos, não é.

Jorge: ... Eu não sou igual a você.

Medeiros: Nós somos a mesma coisa, Jorge [...] O poder, Jorge, espero que pelo menos você saiba utilizá-lo.

Jorge: Uma coisa foi você que me ensinou: é impossível mudar as coisas da maneira que eu queria. Ninguém pode limpar uma casa sem estar dentro dela.

Mais uma vez o poder e a adaptação (ou não) daqueles que o detêm. Ao discurso adesista de Medeiros, Jorge contrapõe o discurso populista de Getúlio, agora eleito democraticamente. O popular e o nacionalismo usados com mais organicidade dentro de um discurso populista inspirado na liderança de Vargas. O empresário não consegue acompanhá-lo; como Medeiros afirma, é Jorge quem detém o poder agora. Embora não evidencie o crescimento urbano que se dá nos anos cinquenta; “a massa está no campo”, diz; Jorge tem consciência do poder dos meios de comunicação de massa e vê neles o real caminho para o poder, quem controlar a televisão, controlará “este país de analfabetos”.

Agosto de 1954. Enquanto a televisão não alcança o poderio preconizado por Jorge Ramos, é o rádio quem domina no âmbito dos meios de comunicação de massa. E nos estúdios da *Rádio do Povo* vê-se, de um lado, a realização de uma rádio-novela, do outro, Eugênia (Odete Lara), acompanhada por alguns músicos, cantando *Que Será* de Marino Pinto e Mário Rossi, bolero popularizado pelo rádio, na voz de Dalva de Oliveira. Entre eles, Jorge Ramos discursa enquanto a voz de um rádio-reporter lendo notícias, ao fundo, se sobrepõe às interpretações femininas da rádio-novela.

Jorge Ramos: “Ele disse: gastei o tempo inutilmente carregando água em cestos, mas agora estou pronto para a missão que me espera se assim o povo deseja. Só o amor constrói para a eternidade e é para a eternidade que Getúlio Vargas está construindo o progresso do país”.

Na rua, o povo protesta contra o governo, carregando cartazes onde se lê “Mar de Lama”. Ramos enfrenta o povo: “...esses que hoje falam em lavar a honra da nação, são os mesmos que sempre venderam o país. Vocês não tem memória. Ele disse: (ouve-se uma voz *over*, à semelhança da de Vargas) “Hoje ninguém mais pode deter a marcha deste país. Ninguém! É a hora de levantar o véu da verdade e eu já posso dizê-la. “O que eu tenho o dever é de evitar a desnacionalização do país”.

Todos (o povo, Américo (Grande Otelo) – o líder popular – e Jorge Ramos) ficam paralisados, ouvindo. Ramos e Américo voltam a discutir. “O país inteiro está contra o presidente, mesmo os amigos dele!”, afirma Américo. Ramos, fora do quadro, volta a falar em tom de discurso: “Ele disse: Não é mais possível manter uma sociedade dividida entre o pequeno grupo do capital que tudo tem e a massa imensa do trabalho a quem tudo falta. Nada mais temos para vencer esta luta do que o nosso idealismo e a nossa confiança recíproca”. A massa imobilizada começa a jogar pedras em algum lugar fora do quadro, à direita, onde supomos estar Jorge Ramos. Já dentro da rádio, ainda ouvindo os protestos do lado de fora, Ramos dirige-se a Américo que está acuado num canto do estúdio: “Se ele tivesse dito isso antes, não tinham deixado ele tomar posse. Agora, pela primeira vez, ele vai ter inimigos de verdade porque decidiu de que lado quer ficar. O nosso idealismo, a nossa confiança recíproca... eu não vos faltei”. Américo se aproxima lentamente do microfone e diz: “O Petróleo é nosso”. O estúdio é invadido pelas rádio-atrizes, pelos músicos e por sambistas enquanto ouvimos a marchinha pró-Getúlio: “Bota o retrato do velho, bota no mesmo lugar. O sorriso do velhinho faz a gente trabalhar...” Faz-se festa no estúdio, agora com uma torre de petróleo no centro do quadro. Jorge Ramos desloca-se para um canto, onde o retrato de Getúlio domina a parede, e logo abaixo, Eugênia faz uma pose hollywoodiana, braço direito estendido junto à parede e mão esquerda na cintura. Enquanto a acaricia voluptuosamente, Jorge profere um monólogo dizendo ser diferente de Medeiros. “... agora, eu lhe vomito de dentro de mim. Vejo um caminho com Ele e quero saber até onde é possível ir”.

Esta seqüência representa claramente os movimentos contestatórios e contrários ao presidente Vargas. E como reação, intensifica-se o discurso populista, na voz de Jorge Ramos. Intensifica-se, também, dentro desse discurso, a mitificação da figura do presidente Vargas. Ramos, ao citar as palavras de Getúlio, não se refere ao presidente usando-lhe o nome, mas fala “Ele disse”. Isto é, não se trata das palavras de um simples ser humano ocupando um cargo público, mas se trata, sim, das palavras de Ele. A seqüência intensifica ainda mais essa impressão quando coloca a voz *over* do presidente a discursar para o povo na rua, como Deus falando aos crentes em tempos bíblicos. Essa mitificação se completará com a morte de Vargas, como veremos mais adiante. Por fim, mais um dado que corrobora essa visão mítica do chefe de Estado: Ramos confessa ter o presidente mostrado-lhe um caminho, “Vejo um caminho com Ele...”, como Deus mostrara aos seus profetas.

No Palácio do Catete, Jorge Ramos encontra-se com Getúlio. O presidente se diz “muito velho para ser desmoralizado” e sem razões para temer a morte. Enquanto fala com Ramos, profere trechos de sua *Carta Testamento*. “À sanha dos meus inimigos deixo o legado de minha morte...”. Jorge Ramos grita: “Que povo é esse que não sabe reconhecer quem está do seu lado? Será que tudo tem de ser feito sem ele?” Getúlio continua: “Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, se querem continuar sugando o povo brasileiro, eu me ofereço em holocausto”. Ramos grita ainda uma vez: “Que povo é esse?” E Getúlio Continua: “Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma. Sigo o destino que me é imposto”.

Jorge Ramos: “E eu? E a rádio? Os seus amigos serão liquidados... A sua renúncia será a nossa vergonha”.

Getúlio: “Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História”.

Jorge Ramos: “É mentira! A História são as nossas mãos que fazem. O que existe somos nós. A certeza da vida”.

Getúlio: “Jorge, eu te chamei aqui porque tu ainda não me traíste. Volta para tua rádio e diz ao povo que só morto deixarei o Catete”.

Jorge deixa o presidente e encontra-se com Eugênia. Na rua vêem o povo queimar a fotografia de Getúlio Vargas. “Ele mentiu”, Jorge diz, “Ele também não acredita no povo. Se acreditasse não renunciava. Resistia”.

Eugênia: “Cuidado Jorge. Você mesmo disse: Ele, agora, ia ter inimigos de verdade”. Eugênia continua, dizendo que estivera com Medeiros e que ele lhe havia proposto uma aliança. “Você não entende o que Medeiros representa?” Jorge pergunta e prossegue: “Ele vendeu a consciência a todas as *incorporations* do mundo”.

Eugênia explica a proposta. Medeiros disse-lhe que quando o governo caísse a *Rádio do Povo* perderia todos os contratos. Assim, o empresário queria que Jorge mudasse de lado e continuasse na rádio, com ele de sócio.

Jorge: “Isso é uma traição”.

Eugênia: “Você mesmo disse, que quando o presidente decidiu não resistir liquidou todos os amigos junto com ele. Isso não é uma traição? Ou você prefere resistir... sozinho?”

Jorge: “Em nome do que?”

Vemos a sala do palácio onde antes Jorge se encontrara com Getúlio. Agora não há ninguém nela. Ouve-se um tiro. Getúlio se suicidara. Em seguida, ainda com a

imagem da sala na tela, passa-se a ouvir um ponto de umbanda na trilha sonora que persiste na cena seguinte, na sala da casa de Jorge, a foto de Getúlio na parede. É de manhã, ele entra na sala de roupão e diz para Eugênia que o espera: “Puxa, você veio cedo, conseguiu falar com Medeiros? Dá tempo para um café”.

A pergunta sobre Medeiros deixa claro que Jorge Ramos havia aceitado a proposta que lhe fora feita e que Eugênia seria a intermediadora do acordo. Jorge também traía o presidente. No entanto:

Eugênia: “O presidente, Jorge... Getúlio suicidou-se”, e olhando para Jorge, continua: “Se matou agora de manhã, com um tiro no peito”.

O ponto de umbanda se intensifica na trilha sonora. No mesmo local onde Jorge havia enfrentado o povo que protestava, agora se vê o mesmo povo com as mãos na cabeça, lamentando a morte do líder populista. E Jorge caminhando entre eles, sinal de luto na lapela: “As aves de rapina. Vocês tinham esquecido que ele era o líder do povo. O povo precisa saber porque Getúlio se matou. Ele era bom, Getúlio era bom. As aves de rapina. O povo precisa saber porque Getúlio se matou”.

Close num despacho de umbanda com o retrato oficial de Getúlio. Uma senhora negra acende uma vela. Vê-se Jorge, ali na rua, em frente à fachada onde havia a pichação “Mar de Lama”, agora toda riscada. O ponto de umbanda se mistura e depois dá lugar, na trilha sonora, a um samba cuja letra são frases da carta testamento de Vargas. A mitificação está completa. A figura de Getúlio Vargas completa seu caminho até o imaginário popular e passa para o terreno da cultura: da música e da religiosidade. Até a década de 1960 ainda era possível encontrar fotografias de Getúlio nas casas de populares e nos terreiros de umbanda Brasil afora.

Naquele cenário de rua, com o despacho e a frase pichada ao fundo, Jorge começa a caminhar em direção à câmera, por ele passam três homens que comentam: “É ele sim, Jorge Ramos. Ele ficou com o presidente até o fim”. “Cara legal! O país precisa de mais gente assim que nem ele”. Ramos pára, coloca as mãos para trás e estufa o peito no momento em que o samba se encerra com “eu saio da vida para entrar na História”. Jorge Ramos também está pronto para entrar na História, sem, no entanto, sair da vida.

Brasília, 21 de abril de 1960. Vista aérea da nova Capital Federal. Jorge Ramos, de fraque, em frente ao Congresso Nacional. Em seguida avista-se um rodeio com sertanejos e Jorge Ramos no lombo de um cavalo, com chapéu de vaqueiro nordestino, saudando os populares. Depois, caminha entre eles, dando tapinhas nas costas, “Como

vai, companheiro? Tudo bem por aqui?” pergunta enquanto distribui cigarros. O populismo em sua melhor forma.

Há um novo encontro com Medeiros quando este, mais uma vez, propõe sociedade a Ramos. “Jorge, por que não estamos juntos? Não entendo! Esse canal de televisão, por exemplo, para que disputar? Não tem sentido. Se juntarmos os meus amigos com os seus, a concessão será nossa imediatamente, de nós dois, Jorge”.

Jorge Ramos: “Não seria a mesma coisa”. Ele e Eugênia (vestida com a bandeira nacional) caminham, de mãos dadas, em direção ao Palácio da Alvorada.

Medeiros: “Você não compreende que não pode continuar me renegando. É por causa do povo, Jorge? Quando Getúlio estava com o povo pela primeira vez, foi abandonado. O seu povo erra muito, Jorge”.

Jorge Ramos (olhando para Eugênia): “O que é que o povo entende do poder? Mas mesmo que ele não compreenda logo, o que tem de ser feito, tem de ser feito. Até que ele esteja forte e possa continuar sozinho”.

Da boca de Jorge Ramos ouve-se a ideologia que orientou boa parte da esquerda brasileira durante os anos cinquenta e sessenta. O povo precisa ser guiado para a revolução. Quando estiver preparado, aí sim, poderá caminhar sozinho. A intelectualidade esclarecida e de esquerda seria a responsável por essa condução.

Medeiros grita: “O povo, forte? Cuidado Jorge Ramos, os meus amigos também anunciam em sua rádio”.

Jorge: “Vou pensar. Preciso de tempo para pensar”.

De volta a São Martinho, David (Cláudio Vanderley), filho caçula de Jorge Ramos conhece Joaquim (André Gouveia), seu irmão mais velho. Algum tempo depois, novamente no Rio de Janeiro, comemora-se o aniversário da *TV do Povo*. Américo participa segurando o retrato de Getúlio. Jorge Ramos se dirige a ele: “Alfredo Medeiros veio mais uma vez, mas era com vocês que eu queria ficar. E com Medeiros ao meu lado, isso não seria possível”. A cena é invadida por passistas, baianas e a bateria da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira cantando e dançando um samba enredo. David traz Eugênia montada em um boi.

Os passistas largados no chão, com Américo ao centro, Joaquim rasga a faixa comemorativa onde se lia “Aniversário da TV do Povo, o Canal do Progresso”. Enquanto Américo, bêbado, faz um discurso em louvor a Vargas, com o retrato do presidente encostado num poste, Raquel aproxima-se do filho primogênito e fala das traições de Jorge Ramos: “Foi sempre assim sempre... com Alfredo Medeiros, Getúlio

Vargas, com meu pai, David. David Martins foi o melhor amigo dele...”. Joaquim tapa os ouvidos com as mãos e sai correndo.

Num apartamento, Nara Leão, ao violão, canta a canção de Lyra que servira de trilha sonora para o show *Opinião*. Joaquim ouve, enquanto descansa numa poltrona. Chega a notícia de um golpe: “o presidente foi deposto e já deixou o país, o Congresso está elegendo um novo presidente e os governadores deram o seu apoio”, informa um jovem que acabara de chegar; uma referência ao golpe militar de 1964. “Vim lhe procurar aqui...” ele continua, dirigindo-se a Joaquim, “... porque o professor Maia vai ser preso. Seu pai podia ajudá-lo”.

Joaquim leva o professor Maia (Hugo Carvana) até seu pai. Jorge Ramos desce as escadas do palácio com uma garrafa de champanhe numa das mãos e uma taça na outra. Estivera comemorando algo. Ouve-se sua voz *over* dizer, enquanto a imagem o mostra sorrindo e bebendo champanhe: “Professor, vocês estavam estragando tudo que construímos pacientemente esses anos todos. Vocês pensam que os outros são imbecis. Agora, eu nada posso fazer”.

Professor Maia: Dr. Ramos! Os nossos ideais, Dr. Ramos, os nossos sentimentos, e os homens que acreditaram no senhor, as famílias deles?

Saem do palácio: Eugênia, conduzida por um senhor alinhado com sobretudo e portando uma bengala – parecia ser um capitalista estrangeiro – e David, jogando confetes para o alto.

Jorge Ramos: “Nós fizemos um acordo com ele”.

Professor Maia: “O que o senhor fez foi uma...”

Jorge Ramos: “Traição... o que é que o senhor entende disso, professor?”

David: “Por que o senhor não ficou em casa, professor? A política é para os políticos”.

Joaquim sobe as escadas e agarra os colarinhos de David. Os dois personagens ficam paralisados em posição de luta.

Jorge Ramos: Está vendo, professor. Não é confortável ter a direita e a esquerda na mesma família? A oposição e o governo debaixo do mesmo teto. O senhor perdeu, professor. Comporte-se como um vencido”.

Ali estava selada mais uma traição de Jorge Ramos. Mais uma vez, ele tinha se aproveitado da situação para manter-se no poder. Com o golpe, agora era importante aliar-se ao capitalismo internacional e era o que tinha feito. O professor, os intelectuais, aqueles que haviam militado à esquerda, agora ficavam à sua própria sorte.

Na cena seguinte, vê-se Jorge sentado à cabeceira de uma mesa, Raquel, enlutada pela morte de David, em pé do seu lado direito. Eugênia, também de luto, carregando um enorme retrato em preto e branco do busto de David, pendura-o na parede, logo atrás de Jorge. Ela diz: “Você viu como o cemitério estava cheio? O povo precisa de heróis. E agora querem vingar, como vingou a Getúlio. Há eleições e uma vaga para o senado”.

Joaquim aproxima-se, ficando no canto direito do enquadramento.

Jorge Ramos: “Mas eu quero viver”.

O representante do capital estrangeiro entra no enquadramento, à esquerda, e diz: “Nós precisamos de políticos populares, para que o povo não se contamine e fique conosco. Porque homens como você estão do nosso lado”. Jorge responde: “Talvez eu já tenha esperado demais. Estou cansado de dizer aos outros o que devem fazer”. O capitalista continua: “Há uma vaga no senado e você agora é um herói popular, Jorge Ramos”.

A câmera se aproxima até enquadrar Jorge num primeiro plano. “Aqui jaz David de Almeida Ramos”, ele diz se empertigando na cadeira, “mártir da justiça e da verdade”. Jorge esboça um leve sorriso: “E nós somos os seus herdeiros”.

O cerco está fechado. A cooptação foi total. Jorge tem nas mãos todos os instrumentos para a obtenção do poder: o discurso, o apoio e o mito. Ao proferir o nome completo de David, Jorge enfatiza a união de classes que promovera. David não era simplesmente David Ramos mas sim David *de Almeida* Ramos e Jorge assim o enfatiza.

Jorge Barros sai da clandestinidade e encontra-se com Jorge Ramos para discutir o apoio do partido às eleições. Jorge chega, com Joaquim, no local do encontro. Este lhe entrega o retrato de David colado sobre o rosto de Getúlio. Eis a herança de Getúlio/David: a transferência do populismo e do carisma de um mito para outro, este totalmente controlado por Jorge Ramos. Joaquim observa de longe.

Ramos: “Jorge Barros, um líder, tantos anos. Você progrediu na vida. Daquela vez você foi mesmo para o Rio Grande?”

Barros: “Você veio aqui discutir sua candidatura, não é?”

Ramos: “O que é que vocês querem?”

Barros: “A gente tem um programa”.

Ramos: “Para os outros eu sou a garantia da paz com o povo. Se, além disso, eu ainda tiver o voto de vocês, minha eleição está garantida”.

Barros: “Seus amigos...”

Ramos: “Os meus amigos são vocês”.

Barros: “Seus outros amigos... sabem disso?”

Ramos: “Nem precisam saber. O apoio de vocês vai ser espontâneo. Como é que eu posso evitar se o voto é secreto?”

Barros: “Você não estava conosco em 45, 54 e 61, nesses anos todos”.

Ramos: “Jorge, os caminhos do poder são tortuosos. Não se chega a ele por uma linha reta. Mas depois nós estaremos lá, juntos. E nós sabemos o que fazer com o poder”.

Barros: “Você estava sempre com os nossos inimigos”.

Ramos: “Intuição. Uma coisa que nenhum partido pode ter”.

Barros: “E agora, para que é que você quer o nosso apoio?”

Ramos: “Para ganhar as eleições. Sem os votos de vocês vai ser difícil”.

Barros: “E por que motivo nós devemos lhe apoiar? Logo a você!”

Ramos: “Por que eu sou a História e vocês vivem de rastro atrás dela”.

Jorge Barros se afasta, aos berros e, caindo no chão, rasteja-se para longe. Logo em seguida, ele volta e diz: “Você está certo. Você está certo, Jorge Ramos. Mas um dia, o povo...”

Há um corte e vemos Joaquim correndo pela estrada, chorando. A *Invocação em Defesa da Pátria*, de Heitor Villa-Lobos, liga esta à seqüência seguinte: Jorge Ramos, eleito, desce a rampa do Congresso Nacional. Na trilha sonora, ouvimos também a voz de uma menina recitando a *Canção do Exílio*, de Antônio Gonçalves Dias. E Jorge Ramos diz: “Eu que arranquei esta cidade das árvores e dos rios, sou recebido de volta em seu seio, de cimento e pedra. Quanto tempo perdido. É este o meu lugar. Construiremos o futuro sobre esta cidade, à frente da nação”.

Ocorre o endurecimento do regime. Jorge Barros é preso e o acordo entre ele e Ramos é descoberto. Ramos tem seu mandato cassado e seus bens serão confiscados, a televisão e a rádio foram ocupadas e ele será preso. Jorge Ramos conversa com Joaquim e o informa da intenção de transferir tudo para o seu nome. Joaquim não concorda, os dois brigam e Joaquim vai embora, deixando o pai sozinho.

Joaquim volta ao palácio, encontra na entrada Raquel lavando as escadas e um pouco mais acima o caixão de seu pai. Eugênia o está velando. Ela se vira para Joaquim e fala: “Joaquim, seu pai se matou. Jorge se matou agora de manhã. Deu um tiro no peito. Ele deixou um testamento em que você é o único herdeiro, o único herdeiro. Ele se vingou de nós dois. Jorge encontrou uma saída e os bens estão salvos. Acabou-se tudo. Adeus!” Joaquim olha para o pai morto, olha para a câmera e sorri.

O velório nos jardins do palácio: ao lado do caixão, Eugênia, Raquel e Joaquim. O capitalista estrangeiro se aproxima, vindo de dentro do palácio, pára no meio da escadaria. Joaquim o percebe, o herdeiro se aproxima e alcança o capitalista que lhe estende o braço, Joaquim se aproxima mais, Eugênia se junta a eles e os três sobem as escadas, entrando no palácio, o capitalista com a mão no ombro de Joaquim. Era esse o caminho da História: para as elites, a saída era a repactuação dos acordos, a reordenação do poder para que ele permanecesse nas mesmas mãos; para o povo, não havia saída.

Os Herdeiros é um filme síntese que fecha a década de 1960 talvez no seu pior momento. O filme de Diegues conta a mesma história algumas vezes, de maneiras diferentes e ao mesmo tempo. Desenvolve sua narrativa através dos personagens e de suas trajetórias particulares, através dos acontecimentos da história do Brasil que aparecem conduzindo a vida desses personagens e os envolvendo em seus vagalhões, e ainda através das menções aos meios de comunicação de massa que pontuam a narrativa e nos revelam a própria evolução da história brasileira desse período. Joaquim, ao subir as escadas do palácio, em 1969, representa a morte da esperança, o fim das possibilidades de atuação. Eram anos de chumbo e a cultura brasileira, e o cinema dentro dela, teria que encontrar novos meios para se expressar e fazer abrir o seu caminho na História.

Referências Bibliográficas

BERNARDET, Jean-Claude e COELHO, Teixeira (org.). **Terra Em Transe, Os Herdeiros: espaços e poderes**. São Paulo: Com-Arte, 1982.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge (org.) **O Brasil Republicano – v. 3 – O Tempo da Experiência Democrática: da Democratização de 1945 ao Golpe Militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GUERRA, Marco Antônio. **Carlos Queiroz Telles – história e dramaturgia em cena (década de 70)**. São Paulo: Annablume, 1993.

HOLANDA, Heloísa Buarque e GONÇALVES, Marcos Augusto. **Cultura e Participação nos Anos 60**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira (1933 – 1974)**. São Paulo: Ática, 1990 (6ª edição).

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira – Cultura Brasileira e Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PERISSINOTTO, Renato M. **Classes Dominantes e Hegemonia na República Velha**. Campinas: UNICAMP, 1994.

PINTO, Virgílio Noya. **Comunicação e Cultura Brasileira**. São Paulo: Ática, 1995.

RAMOS, Fernão (org.) **História do Cinema Brasileiro**. São Paulo: Art, 1987.

ROCHA, Glauber. **Revolução do Cinema Novo**. Rio de Janeiro: Alhambra / Embrafilme, 1981.

SCHWARZ, Roberto. **O Pai de Família e Outros Estudos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SIMIS, Anita. **Estado e Cinema no Brasil**. São Paulo: Annablume, 1996.

XAVIER, Ismail. **O Discurso Cinematográfico – A Opacidade e a Transparência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.